



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de federalização da Escola Técnica de Planaltina – Aniversário
de 50 anos**

Planaltina-DF, 17 de fevereiro de 2009

Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,
Meu caro companheiro, ministro da Educação, Fernando Haddad,
Meu caro Paulo Octavio, vice-governador do DF,
Deputados federais Geraldo Magela, Izalci Lucas, Rodrigo Rollemberg,
Ricardo Quirino e Rodovalho,

Meu caro Garabed Kenchian, reitor do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Brasília,

Meu caro José Luiz da Silva Valente, secretário de Educação do Distrito
Federal,

Meu caro Marcelo Silva Leite, diretor do Campus Planaltina do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília,

Nosso querido Maian José dos Santos, que falou aqui em nome dos
estudantes,

Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Planaltina,
Estudantes desta escola técnica,
Companheiros deputados distritais,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso, governador Arruda, meus companheiros deputados, Ministro
da Educação, que era preciso que nós valorizássemos um momento como
este. Porque, se ao longo da história do Brasil, todos os governantes que
passaram pela Presidência da República tivessem tido a sensibilidade que
Juscelino Kubitschek teve quando, em 1958, pensou em construir não apenas



a capital mas, ao mesmo tempo, começar a construir uma escola profissional para formar os filhos dos trabalhadores, nesses anos todos, possivelmente nós já devêssemos ter aí 400, 500 escolas técnicas no Brasil, qualificando a nossa juventude, as nossas meninas, os nossos meninos, e formando mão-de-obra qualificada para que as pessoas possam aprender a ganhar um pouco mais e a viver com dignidade.

Mas nem sempre foi assim. Nem sempre os governantes tiveram a preocupação com a educação. Muita gente, que estudou muito, esqueceu de levar para outros brasileiros os sonhos que os levaram para a universidade. Muita gente, que por ter estudado muito deveria ter a sensibilidade na formação dos brasileiros que vinham depois deles, se esqueceram. E nós tivemos longas décadas de retrocesso da educação brasileira. Muitas décadas em que cada vez mais estava limitado o número de vagas de alunos nas universidades brasileiras, cada vez mais estava limitado o número de estudantes que tinham acesso a uma escola técnico-profissional, e cada vez mais piorava o ensino fundamental. Ou seja, era quase que um descaso com a formação da futura geração deste país.

Nós temos consciência de que ainda falta muito para atingirmos a meta que precisamos atingir. Nós temos consciência de que já foram dados passos extremamente importantes. No governo passado, quando se trabalhou a universalização do ensino fundamental, foi um passo importante, colocar todas as crianças nas escolas. Mas ao colocar todas as crianças na escola, aconteceu um fenômeno: quando as crianças chegavam ao 2º grau não tinha vaga para as crianças estudarem, porque todas as crianças estavam no ensino fundamental. E, ao mesmo tempo, quando esses jovens chegavam ao 2º grau, muitas vezes saíam sem ter aprendido uma profissão. E todo mundo sabe que se rico não precisa trabalhar com 17 ou 18 anos, pobre precisa trabalhar para ajudar no orçamento familiar, precisa ajudar a família a sobreviver.

Pois bem, nós, quando chegamos no governo, tinha uma lei... E eu



quero, cumprimentando todos os deputados que votaram favoravelmente, cumprimentar em especial o companheiro Magela que foi o relator da lei que restituiu as escolas técnicas no Brasil. Porque houve um momento em que pensaram que não era mais da responsabilidade do governo federal fazer escolas técnicas, que era por conta de ONGs, por conta de prefeituras, sem lembrar que nós precisaríamos passar o dinheiro para que essas prefeituras fizessem.

A primeira surpresa que eu tive, Governador, é que nós fomos a Itu federalizar uma escola, e vários sindicatos que tinham feito parcerias para construir escolas técnicas vieram pedir para mim se eu não poderia assumir as escolas deles, porque eles não tinham dinheiro para tocar a escola. Nós resolvemos federalizar algumas, mas resolvemos mudar a lei para que a gente pudesse construir aquelas que faltavam no Brasil. Prestem atenção nos dados que o Fernando Haddad disse. Quando o Nilo Peçanha fez a primeira escola, em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro... Passaram-se até agora cem anos. Se cada presidente da República que veio presidir o Brasil, de 1909 até agora, se cada um tivesse feito 20 ou 30, nós teríamos por volta de 500 escolas técnicas no Brasil. Conclusão: quando nós chegamos no governo, tinha apenas 140. Nós vamos entregar, no dia 31 de dezembro de 2010, o Brasil com 314 escolas técnicas profissionais, mesmo sabendo que ainda é pouco.

É preciso que as escolas técnicas formem jovens para o mercado de trabalho, porque o avanço que nós queremos ter na agricultura brasileira passa por assistência técnica, sobretudo se a gente quiser fomentar a chamada agricultura familiar no Brasil, que é responsável pela produção de 70% dos alimentos que nós consumimos no País. O agronegócio tem dinheiro e pode, através da Embrapa, contratar técnicos das universidades para ajudá-lo, mas a pequena propriedade brasileira, se a gente pegar até cem hectares, vai



precisar de milhares de jovens formados como técnicos agrícolas para que a gente possa aumentar a produção.

Só para dar um exemplo aqui, Fernando Haddad: nos Estados Unidos, um pequeno produtor rural... A agricultura familiar lá produz, em média, nove litros de leite por cada vaca/dia. Aqui no Brasil, nós estamos em quatro litros de leite cada vaca/dia. Significa que a capacidade que nós temos de aumentar a produção é quase infinita. O que nós precisamos é apenas preparar os homens e as mulheres que vão ter conhecimento técnico, para que a gente possa aumentar a produção no nosso país, gerar empregos, gerar distribuição de renda e novas escolas técnicas.

Eu queria agradecer aos companheiros que aqui ficaram vendo esta escola minguar, porque esta escola foi sendo deteriorada e aqui, às vezes, para comprar um remédiozinho para um animal era do salário dos professores. Fernando Haddad, até... Eu vou te dizer de onde veio dinheiro para ajudar... Por exemplo, o que estava deteriorado aqui? Professores e funcionários desestimulados, prédios em péssimo estado. Por isso o esforço desta comunidade foi extraordinário, desde a colaboração financeira da Associação de Pais e Mestres para financiar o básico até gastos extras, como compra de adubo, defensivos agrícolas e remédios para animais, financiados pelo salário dos abnegados funcionários e funcionárias desta escola técnica.

Nós já investimos aqui R\$ 3 milhões e 670 mil para deixar isto do jeito que está, mas falta alguma coisa ainda. Eu notei que tem lugar para os estudantes dormirem, mas só para homens, por enquanto. É preciso que a gente termine – acho que está terminando – para que a gente dê oportunidade de as meninas que moram longe e que querem dormir aqui, que tenham o dormitório feminino para que elas possam dormir e aproveitar melhor o tempo de estudo. É importante dizer para os meninos e para as meninas que nós vamos nomear um conjunto de pais e mães para ficarem em uma cerca divisória, para não permitir que vocês cometam qualquer arte.



A segunda coisa importante que um dia como este merece dizer... O Fernando Haddad já disse uma coisa importante. Onde eram as universidades federais do nosso país? Normalmente, a universidade federal era na capital de cada estado ou no máximo em uma região importante do estado. Juscelino, Governador – você, como mineiro, sabe disso e o Paulo Octávio, como genro, sabe disso – foi o primeiro presidente a ter a visão de interiorizar universidades. Só Minas Gerais ganhou dez, dentre as quais acho que Itajubá permitiu que você se formasse engenheiro lá no estado de Minas Gerais. Mas era raríssimo. Com exceção de Minas Gerais, a gente não tinha universidade. Só para vocês terem idéia, São Paulo não tinha universidade federal. São Paulo tinha a Unicamp, São Paulo tinha qual mais? USP e Unesp. A primeira federal foi construída há uns 20 anos, que foi a Universidade Federal de São Carlos.

Agora, nós resolvemos construir uma em Osasco, uma em Santo André, uma em São Bernardo, uma em Santos, uma em Diadema. Tudo isso, para que a gente possa garantir que as pessoas que moram nos grandes centros urbanos, que são as pessoas pobres que trabalham para sobreviver, na hora de entrar na universidade, elas não podem entrar na federal, elas são obrigadas a entrar na particular. Até aí, tudo bem. Fez vestibular e não passou, passou na particular, vai na particular. Onde está o impeditivo? É que se um pobre quiser estudar Medicina, vai pagar R\$ 2.500 de mensalidade e não vai poder pagar. Se quiser estudar Engenharia... Você vai ver um curso, por mais simples que seja, vai custar R\$ 800, R\$ 900, e isso impossibilita muitos jovens de entrar na escola.

É por isso que além das universidades novas que nós estamos fazendo, nós estamos fazendo 95 extensões universitárias, tirando das capitais, levando para as cidades do interior, para que o jovem do interior não precise ir à capital para fazer um curso. Na sua própria cidade ou na sua própria região, ele vai poder estudar.

O que eu espero que aconteça no Brasil? Possivelmente, eu não veja



isso na minha geração, mas se daqui para a frente, os governantes que vierem a governar o Brasil e as cidades esquecerem que as divergências políticas acontecem até o dia da eleição, terminou a eleição, alguém ganhou e alguém perdeu. Quem perdeu e quem ganhou têm a responsabilidade de trabalhar para que o País dê um salto de qualidade. Hoje, o que acontece? Eu sou de um partido, o Arruda é de outro, o Serra é de outro, o Eduardo Campos, de Pernambuco, é de outro. Se a gente não assumir a responsabilidade de que a gente tem a vida inteira para brigar, que temos apenas quatro anos para governar, e que a gente tem que governar junto, quem perde é a sociedade.

Uma coisa, sobretudo, para formar politicamente a nova juventude, uma coisa importante. O Arruda pertence a um partido e eu pertenço a outro, agora ele é governador e eu sou presidente. Se eu colocar isso na minha cabeça, que o Arruda pertence a um partido que não é o meu e, portanto, eu não vou passar dinheiro para ele, não vou ajudar, quem é que perde? Não é ele que perde. Quem perde são os moradores de Brasília. Da mesma forma que se eu pedir para o Arruda fazer um projeto para fazer um investimento aqui, meio a meio, o que acontece? Se ele tiver má vontade e falar: “Eu não vou fazer, porque eu não vou permitir que esse tal de Lula entre em Brasília”. Quem é que perde? É o Lula? Não. Quem perde é o povo de Brasília.

Então, eu acho, companheiros, companheiras e estudantes do meu querido Brasil e de Planaltina, que nós precisamos ter uma evolução política. Nós temos que saber a época de brigar, a época de disputar e saber a época de governar. Da minha parte, eu só peço a Deus que daqui para a frente, durante uns 15, 20 ou 30 anos, os governantes que forem eleitos neste país tenham juízo para perceber que a briga, muitas vezes intestina, que nós fazemos, é o que mostra o atraso deste país, é o que mostra ainda ter tantos analfabetos, é o que mostra ter gente tão pouco formada neste país.

Então, eu acho, meu companheiro Arruda, Paulo Octávio, deputados e meu Ministro da Educação, que este gesto aqui é mais do que inaugurar uma



escola técnica que estava praticamente abandonada, feita por Juscelino, em 1958. O gesto nosso, aqui, é dizer para essa meninada: acreditem em uma coisa, o Brasil não tem retorno. Não há crise econômica que possa garantir que a gente tire um centavo da educação brasileira. Não há crise econômica que permita que a gente pare as obras importantes que estamos fazendo.

E eu penso assim – e aí é importante vocês saberem – exatamente porque quando eu tinha a idade de vocês, eu não tive a oportunidade que vocês estão tendo. A minha geração certamente não teve, porque naquele tempo, quanto mais dinheiro tivesse, mais chance de estudar. E se tem uma coisa que a gente precisa criar igualdade é na educação. A educação brasileira, ela só vai ser boa e respeitada quando em um banco de uma escola estiver o filho da empregada doméstica e o filho da patroa, quando estiver o filho do dono da empresa e o seu empregado no mesmo banco da escola. Aí, nós vamos poder garantir que a educação é de qualidade.

Enquanto tiver essa divisão social em que o pobre estuda em escola pública sem qualidade, e o rico estuda em escola particular de qualidade, no ensino fundamental; e no ensino universitário o rico, que estudou pagando no ensino fundamental, vai para a escola de graça, e o pobre, que não tem o que pagar, vai para a escola pagando... é uma inversão de valores que nós queremos acabar.

Por isso, eu queria dizer ao companheiro Fernando Haddad: eu sou muito grato pela sua presença no Ministério da Educação. Porque a idéia do ProUni é deste homem, e graças ao ProUni, este ano nós vamos ter os primeiros 56 mil jovens brasileiros se formando em universidades brasileiras. Ao todo, já são 500 mil jovens no ProUni. E eu acho que eu sei de uma conversa que você teve com alguns companheiros, se a gente tomar novas medidas, a gente vai poder colocar, em vez de 500 mil, 1 milhão de jovens. Se a gente imaginar as universidades federais que estamos fazendo, e as extensões universitárias, possivelmente a gente consiga recuperar mais



rapidamente o tempo perdido.

Por isso, meu companheiro Fernando Haddad, eu quero te cumprimentar neste momento em que estamos inaugurando a primeira escola técnica de 2009. A partir de agora até dezembro, nós temos 100 para inaugurar e vamos inaugurar todas, para desgraça de alguns. Porque tem gente que já está na escola, e quando a gente cria facilidade para os que não estão entrarem, a pessoa fica dizendo: “Mas o governo está privatizando o ensino, o governo está ajudando escola particular, o governo...”. Ou seja, na verdade, eu vou dizer uma coisa para vocês: podem gritar do jeito que quiserem, mas eu sei o que não é ter chegado em uma universidade, eu sei o tanto que a minha mãe sonhava que eu chegasse à universidade, e o máximo que eu cheguei foi a um curso no Senai. Graças a isso, eu cheguei à Presidência da República. Mas eu não cheguei à Presidência da República só por causa do curso do Senai, eu cheguei porque vocês também aumentaram a consciência de vocês e não permitiram que o povo fosse mais utilizado como massa de manobra.

Meus agradecimentos ao Governador, ao Fernando Haddad, aos deputados, e sobretudo a vocês.

Quando for inaugurar o dormitório das meninas, eu estarei convidado aqui para certificar a divisão que vai existir e o controle que os pais vão ter que fazer.

Um abraço e boa sorte para vocês.

(\$211A)